Periódico Bimestral
Nº 17. Julho, Agosto. 1997

Vem a Lisboa à Festa do Avante 97 no autocarro da Gralha.
ver catálogo

25 de Julho, um caminho de possibilidades

De novo volta o dia da Pátria, neste ano que dum modo especial pode afectar a todo o nacionalismo galego. Como se vem fazendo desde tempos de Castelão, em Compostela commemora-se com manifestações e reivindicações. Som duas as que tenhem lugar no 25 de Julho: a do BNG e a da AMI. Com o Bloco vam os partidos integrados neste e mais Galiza Nova, com a AMI vam EI e JUGA's. Este ano, a data supõe umha abertura de possibilidades: derrota do PP, governo em coaligaçom do BNG... Mas além disso cresce um novo espaço político à esquerda do BNG, ao ter ocasiom de governar, lugar que a AMI tomaria. Pode ser em breve o momento em que a dialéctica se convirta em Galiza vs. Galiza e nom Galiza vs. Espanha para deixar fora de abordo aos partidos espanhóis.

Dinheiros institucionais financiam diários

Resumo e análise dos dados publicados a respeito dos dinheiros oficiais que recebem os diários do país. Som jornais praticamente pagados numha alta percentagem pola própria Junta, chegando, nalgum caso até 50% do seu preço de venda. p.2

Emprego e desemprego, o nosso problema

Com este título afrontamos um dos principais problemas da nossa sociedade, que afecta maioritariamente a mocidade e as mulheres. Além das analises, oferecemos o que deviam ser os tres pilares básicos para umha pronta recuperaçom do emprego. Incluímos neste estudo umha valorizaçom do papel desenvolvido polas Empresas de Trabalho Temporal, qual a sua funçom e finalidade. p.4,5

Entrevista a Ricardo Flores

Na Gralha sempre quigemos entrevistar a todas essas pessoas que tenhem muito a dizer no passado, presente e futuro do país. A nossa personagem de hoje, com 94 anos, é a ligaçom viva entre a geraçom galeguista dos anos 30 e os novos movimentos sociais de carácter político deste final de século. p.3

Mesa pola volta à Terra

Por iniciativa dos Comités Anti-Represivos, está a constituir-se em Compostela umha "Mesa pola volta à Terra", em relaçom aos nove presos e presas independentistas, actualmente dispersos por diferentes cadeias do Estado Espanhol, ficando só um na Galiza. Nesta mesa aparece assinada gente a nível individual, os CAR como tal já nom aparecem, simplesmente fôrom a organizaçom promotora da juntança. Os objectivos som conseguir a volta à Galiza e o reagrupamento. É um direito básico destas pessoas o poderem ser visitadas polos seus familiares sem que isto suponha fortes investimentos de tempo e dinheiro, que muitas famílias nom podem assumir. Efectivamente, o facto de estar presos a centos de quilómetros das suas moradas, fai com que as visitas se fagam quase impossíveis, e isso sem falar nos riscos das longas viagens só para poder falar uns minutos. Lembremos o acidente mortal dos familiares de Chão do Barro, quando se dirigiam a vê-lo.

A acta constituinte desta Mesa está ainda em trámites. Damos umha primeira relaçom de integrantes que, na altura em que esta publicaçom esteja na rua, se terá sem dúvida incrementado. Desde já a Gralha quer sumar-se à iniciativa, que pode contribuir também a que as duas organizações de apoio aos presos independentistas comecem a trabalhar em campanhas conjuntas, superando as velhas razões polas que se constituírom separadamente.

Eis a relaçom: M. Ledo Andiom, Leónidas de Carlos, Manuel Maria Fdez. Teixeiro, Jesús Sam-joás, Miro Vilar, X. Antom López do Bao, Elvira Souto, Dario X. Cabana, Isabel Castillo, Luis Gonçalves Blasco, Ugio Novoneira, Lupe Cês, Francisco Carvalho, J. L. Muruzábal, Carlos X. Díaz, Ramiro Paz Correia, Fram Alonso, X. Cid Cabido, Gustavo Garcia Fdez, Manuel Caamanho, R. Vidal Bolanho.

II Assembleia Nacional do Movimento Defesa da Língua

O sábado dia 5 de Julho, o MDL celebrava em Compostela a sua II Assembleia Nacional, completando assim o primeiro ano de funcionamento. Depois do seu nascimento -em 25 de Maio de 1996-, o MDL tem desenvolvido um intenso trabalho na procura de se converter no referente reintegracionista no âmbito do trabalho de base. Tem, a dia de hoje, um número aproximativo de 105 sócios e sócias, distribuídos em sete zonas: Compostela, Trasancos, Ourense, Tui, Vigo, Corunha e Lugo. Há também pessoas nom adscritas a nenhuma zona e que fazem parte do MDL a nível individual. As Assembleias Comarcais coordenam-se através de um Conselho Nacional que se reúne umha vez ao mês.

No decurso deste ano realizárom várias campanhas como a da reivindicaçom do topónimo "Galiza" para o país. Actos de denúncia contra as agressões aos nossos direitos linguísticos fôrom sucedendo: presença de militantes do MDL no congresso do Instituto da Língua Galega, reivindicaçom do uso do galego na estaçom de autocarros de Lugo, campanha de denúncia a TelePizza pola discriminaçom de umha trabalhadora por falar galego e a reclamaçom do boicote ao Seat "Arosa".

Segundo Irene Veiga, que ocupou até agora o posto de Responsável de Organizaçom, o movimento vai continuar no caminho do ano anterior, «mantendo como objectivo consolidarnos e converter-nos em referente da luita linguística desde umha perspectiva reintegracionista. Tal vez, a novidade mais salientável seja a clara vontade exprimida pola maioria da Assembleia de fazer das relações com Portugal e a Lusofonia umha linha fundamental de trabalho. Neste sentido, aprovou-se por unanimidade, como proposta de resoluçom, enviar um comunicado à reuniom que a Comunidade de Países de Língua Portuguesa terá em 17 e 18 de Julho, exprimindo o nosso apoio decidido à constituiçom da Comunidade e solicitando a pertença à mesma da Galiza, com qualquer estatuto que se lhe assignar».

A modo de conclussom, dizer que a Responsável de Organizaçom destacou a assistência à recente Assembleia de muitos convidados. Entre eles, a nível internacional, contárom com a solidariedade do grupo «Euskal Herrian Euskaraz", que enviou dous representantes.

Dinheiros e subsídios institucionais financiam diários

Segundo cifras publicadas recentemente pola Junta da Galiza, durante os doze meses do passado ano oito conselharias do Governo financiárom com centos de milhões os jornais galegos. Os mais de 1.020 milhões, repartidos tal como figura no quadro que juntamos, fam referência só a dous tipos de ajudas: as recebidas pola promoçom da língua galega (150 milhões entre todos os diários referidos) e o resto correspondem a diferentes convénios de colaboraçom privados. A conselharia que subscreveu os convénios mais abundantes e milhonários foi a de Indústria, com 337 milhões, seguida pola de Educaçom, 225 milhões, e por Cultura, 180 milhões.

Há que destacar que os dados acima referidos incluim unicamente o volume de dinheiro procedente das oito Conselharias de maneira directa, quer dizer, nom fam referência a outros convénios que organismos autónomos delas, mas que som da própria Junta, realizam dia a dia com os jornais. Também nom se di nada dos anúncios obrigatórios por concursos públicos e autorizações de obras. Por suposto, o dinheiro procedente doutras ajudas públicas como Concelhos ou Ministérios do Estado nom se inclui no balanço publicado.

Os convénios entre Junta e jornais concretárom-se na cooperaçom em suplementos, a publicidade institucional, difussom de actuações da Junta e publi-reportagens. Deste jeito, alguns médios como "La Región" ou "El Correo Gallego" receverom diariamente por cada exemplar quase 50 pts. justas, quer dizer, perto da metade do seu preço de venda ao público. Isto fai pensar muito seriamente na suposta liberdade de imprensa que dim que existe. Como vai ter peso na orientaçom de um diário a opiniom dos leitores, se a sua supervivência nom depende para nada da tiragem e vendas senom dos dinheiros institucionais? Nem um só dos diários galegos vive das suas vendas, pois todos eles saem da imprensa já sobradamente pagos com dinheiro das diferentes instituições e publicidade.

É muito significativo que nengumha voz se deixe ouvir, nem nos médios públicos nem nos privados, para pedir que exista algum tipo de critério objectivo para a concessom de ajudas, desde as primeiramente citadas (promoçom da língua galega) até as outras (convénios de colaboraçom). A ninguém interessa que se clarifique o assunto, pois o poder político obtem umha forte cobertura e controlo informativo e os médios, a câmbio, convertem-se num negócio muito lucrativo.

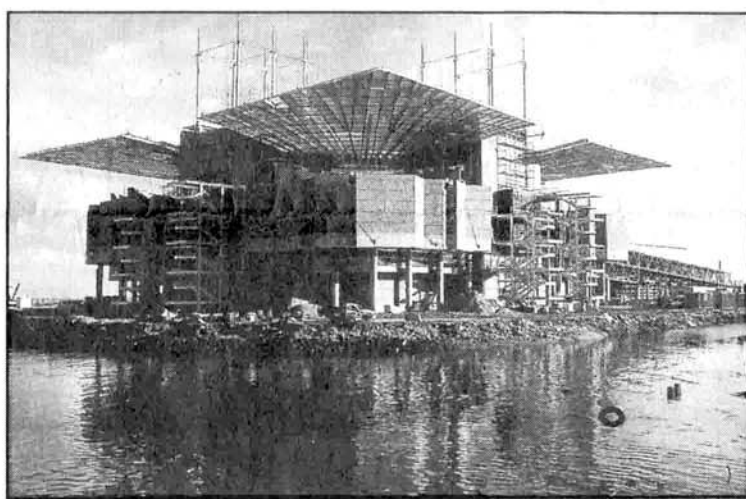
DINHEIRO DA JUNTA PARA OS DIÁRIOS EM 1996

Diário	Difussom diária	Pts/ nº vendido	Total 1996
LA VOZ DE GALICIA	109.582	5,76	229.103.356
FARO DE VIGO	37.429	10,46	142.143.907
EL CORREO GALLEGO	17.034	41,78	258.385.600
EL PROGRESO	13.836	29,01	145.704.980
LA REGION	11.095	44,80	180.617.201
EL IDEAL GALLEGO	9.358	5,37	18.248.000
ATLÁNTICO DIÁRIO	4.942	24,52	43.999.994
		TOTAL	1.018.176.038

Fonte: Elaboraçom de «La Voz de Galicia» a partir de dados da Junta.

Timor-Leste estará presente na EXPO-98

Segundo anunciou o dirigente da resistência timorense José Ramos-Horta, Timor-Leste vai estar representado na Expo-98 através de um pavilhom concebido polo internacionalmente conhecido arquitecto Siza Vieira. O Pavilhom ocupará umha área total de 320 metros quadrados e a sua construçom será apoiada economicamente polo Ministério dos Negócios Estrangeiros Português.

Terá como um dos objectivos principais a divulgaçom da cultura deste território violentamente ocupado pola ditadura indonésia de Suharto. Ramos-Horta afirmou que o Pavilhom vai concentrar-se deliberadamente nos usos e costumes de Timor-Leste, considerando que isso é mais importante do que o discurso político e evitará problemas a Portugal, nomeadamente com outros países participantes e aliados da Indonésia. O dirigente da resistência timorense anunciou ainda que o pavilhom na EXPO-98 poderá continuar a funcionar como um centro de Timor-Leste em Lisboa após o encerramento da Exposiçom.

Estado actual do Oceanário a 15 meses da inauguraçom da EXPO-98

Boicotada conferência de Mariano Rajoi

Militantes da Assembleia da Mocidade Independentista apresentárom-se o passado 14 de Junho numha palestra sobre o financiamento autonómico realizada em Ponte Vedra polo ministro Mariano Rajoi. Depois de repartir aos assistentes centos de folhas explicativas do seu protesto, quatro pessoas entrárom discretamente no Auditório da Caixa Ponte Vedra. Antes de começar o acto, erguêrom-se e começárom a berrar consignas como: «PP, Partido Policial»; «Rajoi espanholista» e outros de carácter antirrepressivo. Imediatamente fôrom detidos com golpes pola numerosa polícia ali presente, encarregada também de impedir a entrada a um numeroso grupo de vizinhos do Concelho de Vila Boa. Estes ficárom nas portas do Auditório protestando contra a empacadora de lixo que está a ser construída numha paróquia desse concelho por iniciativa do PP. Posteriormente os quatro militantes da AMI fôrom levados a dependências policiais, onde permanecêrom até as cinco horas da madrugada.

editorial

Nota-se o ambiente eleitoral. A mais de um já nos parárom pola rua para o famoso inquérito de valorizaçom dos líderes políticos e da intençom de voto. Nos meios de comunicaçom ainda se faz mais evidente a campanha eleitoral, a informaçom cada dia dista mais de ser objectiva. Já se fala de alianças pós-eleitorais, tema que sem dúvida está em boca da gente. Som pessoas, muitas delas, directamente prejudicadas pola política do PP: desde o problema do lixo até as minicentrais, passando polo aumento do desemprego que chegou às 300.000 pessoas.

Nom há futuro!, podíamos pensar, mas nom há que cair no desânimo. Temos exemplos do contrário que nos fam agir, continuar firmes. Muitos desses testimónios estám a chegar a esta publicaçom:

As declarações de Ricardo Flores, umha pessoa esperançada que viu chegar exilados à Argentina aqueles que pudêrom, e que ele admirava, nos fatídicos 1936 e 1937 (há sesenta anos).

Outras declarações fôrom as de Suso Irago, prisioneiro independentista, igual que outros oito longe da terra por nom se respeitar os direitos humanos neste Estado. Dixo-nos: «Negam-nos o nosso destino e impõem-nos o seu. Temos que a aprender a viver a própria vida como indivíduos, como Povo».

Desde esta Redacçom procuramos um desenvolvimento livre das ideias e os conceitos, cousa que nom se dá hoje em dia. Vemos que rapidamente se criminalizam atitudes políticas por parte dos poderes fácticos do Estado na Galiza com fortes campanhas na televisom; publicidade agressiva que em questom de horas pode influir na consciência colectiva de todo um povo. Desde aqui, mais um ano fazendo por dar voz e cabida a aquelas informações e novidades silenciadas noutros meios.

breves

Aparecido o cadáver do Ché em Bolívia

Os restos do Ché, Ernesto Guevara, fôrom descubertos nos passados dias numha fosa comum na zona onde fora assassinado polo exército boliviano. Depois de realizadas provas do ADN e outras, chegou-se à conclusom de serem aquele o seu corpo. Após isto, no dia doze de Julho foi trasladado a Cuba e, junto com mais dous guerrilheiros que aparecêrom na mesma fosa, foi enterrado trás umha cerimónia oficial. O túmulo, construído ao efeito, está situado na cidade de Sta. Clara, lugar desde onde o Ché dirigiu a luita vitoriosa contra o ditador Batista.

Presa em liberdade

A meados de Julho foi posta em liberdade a presa independentista, Oliva Rodrigues Valadares. A causa foi a apresentaçom de um recurso perante o Tribunal Constitucional, o qual foi aceite. Isto provocou a paralisaçom da sua condenacom até umha próxima revisom do caso.

Festival Mundial da Juventude

Entre o 28 de Julho e o 5 de Agosto terá lugar em Cuba o Festival da Juventude, com asistência de 138 países. O Comité Galego conseguiu ajudas de diversos concelhos, que levarám ao país caribenho na sua próxima viagem. Serám cinquenta moços e moças que, por pertencer a diversos colectivos, poderám dar na ilha umha imagem muito realista do que hoje acontece no nosso país.

Ejecutados por separatismo

Dez tibetanos fôrom ejecutados, tras ser condeados a morte en juiços públicos, por separatismo em 1996. Noventa e oito tibetanos acusados de separatismo (nacionalistas pro Dalai Lama) fôrom juzgados nesa regiom autónoma chinesa em 1996 pola sua presunta implicaçom em «ameaças à segurança do estado».

PERIÓDICO BIMESTRAL

EDITORES: Grupo Meendinho-Renovação.
REDACÇOM: Jesus M. C., Lupe Cês, André Outeiro, Beatriz Árias, Moncho de Fidalgo, Júlio A. Rodrigues, Santiago Peres, Marcos Ferradás, Xavier Diogues.
COORDENAÇOM: José Manuel Aldea.
COLABORADORES: Konstantinho Graphia, Seném. **ILUSTRAÇÕES:** Moxom.
CORRESPONDÊNCIA: Apartado 678. 32080 Ourense. Galiza.
Tels: 988-213437. 929-253628. E mail: gralha@eucmax.sim.ucm.es
IMPRESSOM: Correio do Minho, Braga **DEPÓSITO LEGAL:** OUR-167/95

A Gralha voa nos primeiros quinze dias de Fevereiro, Maio, Julho, Outubro, e Dezembro.

Ricardo Flores

O independentismo aos 94 anos de idade

Ricardo Flores, desde os dezesseis anos emigrado na Argentina, hoje com noventa e quatro, é a voz viva dos arredistas (independentistas) que criticárom o Estatuto do 36 pois, apesar de reconhecerem que supunha um grande avanço, sabiam que nom era a soluçom para a Galiza. Criticárom os deputados do Partido Galegista nas Cortes Republicanas por procurar alianças com os espanhóis e desprezar as teses arredistas. As opiniões do nosso entrevistado som também testemunha das ideias que boa parte do nacionalismo galego tinha nos anos 30 a respeito da língua: Ideologia reintegracionista que, no seu caso, foi levada à prática.
Muitas vezes nos perguntamos que diriam os velhos galeguistas a respeito da situaçom actual. Ricardo Flores tem a sorte de poder ainda fazê-lo pois, apesar da sua avançada idade, conserva umha lucidez e estado anímico invejável. Muito nos agradou o seu contagioso optimismo. Nem todos os fracassos do século fizêrom que este homem forte deixasse de crer na independência absoluta da Galiza. Desde os convincentes comentários editoriais da *Fouce*, que redigiu junto com os companheiros arredistas, até hoje nom deixou de crer nunca num futuro de liberdade.

Beatriz Árias / André Outeiro

.- Quando entrou em contacto com o nacionalismo?

O meu amor ao nosso vem-me de longe. Ainda nom traspassara o tempo da adolescência e já me sentia consubstanciado com os maiores que escuitava louvar os valores autóctones como grandes atributos que nos conferem direito de soberania, para podermos ter o governo que compraza a nossa vontade.

.- Qual era a situaçom da comunidade galega na Argentina quando o senhor chegou?

Em pondo os pés na Argentina, o 20 de Setembro do ano 1929, na verdade, recebim um chasco no tocante ao galeguismo, que derrubou a ilusom que vinha comigo. Dos quatrocentos mil galegos que se supunha morarem nesta beira do Plata, talvez mais da metade andavam retraídos, engrunhados e virados de costas à problemática da Galiza.

.- Que lembranças guarda da sua colaboraçom com a *Sociedade Nacionalista Pondal* e o seu porta-voz *A Fouce*?

A *Sociedade Nacionalista Pondal* nasce a meados do ano 1925, quando em Buenos Aires o galeguismo era de pouca monta. Nalguns a sua atitude radical produz xenreira e a outros cai-lhes bem. Assim se criam inimigos, e também amigos, que dam parabéns polo nosso labor. Contodo, por aqui os que prevaleciam chamavam-se «internacionalistas», e auto qualificavam-se de «cidadãos do mundo». Gostavam de falar castelhano e tinham complexo de inferioridade, que muito os amolava. A muitos a eiva foi-se-lhes abafando e pudemos vê-los de volta na legiom dos bons e generosos.

A presença da Coral de Ruada em Buenos Aires, nos primeiros dias do 1931, trouxo ventos favoráveis para o galeguismo. Isso fizo desengrunhar muitos galegos que botárom peito de contentes e encetárom umha actividade patriótica. Da *Fouce*, que era o nosso complemento gráfico, todo o mundo na colectividade procurava cuidar-se e manter-se livre dumha foucinhada, porque quem cometia algumha falcatrua nom passava sem lambê-la.

.- Desde a perspectiva actual surpreende que já na década dos trinta o senhor usava um padrom claramente reintegracionista.

> ***«O comodismo fizera-se carne em cada dirigente do Partido Galeguista, mais do que o sentimento patriótico»***

Como se explica esta opçom?

Leve-se em conta que a revista *Seara Nova*, editada em Portugal, vinha aconselhando aos escritores galegos, alguns deles colaboradores nas suas páginas, que deviam largar-se a usar a ortografia que empregam os portugueses, tam legítima para os dumha banda do Minho como para os da outra. Do mesmo jeito, o Correia Calderom, no seu livro *Índice de Utopias Galegas*, ocupa-se do assunto e assinala a conveniência de levar à prática a ortografia que nos corresponde. E nos começos da década dos vinte, quando ainda era deste mundo o egrégio Joám Vicente Biqueira, tentou-se fazer uso da ortografia, tendo-se naquele momento que desistir polas ameaças dos espanholeiros com poder, que fizêrom saber que estavam dispostos a boicotar todos os escritos que aparecessem com ortografia reintegrada.

.- Foi essa a razom de ter abandonado nalgumhas publicações a ortografia reintegracionista?

Devo confessar que hoje nom o faria, encontro-me muito arrependido de ter cometido o que em verdade foi umha «gralha». Acontecia que daquela éramos tam poucos os que estávamos na linha reintegracionista que tomei medo aos da contra, pois aqui os que nos manejávamos com a ortografia nom passávamos de quatro. As lérias com que nos batiam distavam de ser pétalas de rosa. Eis os que rompemos fogo nesta batalha: Antom Vidal, Antom Castro, Santiago Molha e mais eu.

.- Quanto ao campo político, qual era a postura do Partido Galeguista e dos seus dirigentes (Castelão, Bóveda...) quanto às teses «arredistas»?

O Partido Galeguista, ainda que nom compartilhava a nossa posiçom, nom arremetia publicamente contra nós nem se ocupava do nosso labor. Ora bem, é certo que sem que ninguém lhes tirasse da língua costumavam dizer a toda gorja: «Nós nom somos arredistas». Aos catalães nunca se lhes escuitou tais exclamações, e velaí os seus logros, bem superiores aos nossos. Mesmo sem contarem ainda com autonomia, os seus cativos recebiam ensino no seu idioma.

.- Existia dentro do PG discussom ortográfica? Qual era o posicionamento oficial nesse sentido?

O comodismo fizera-se carne em cada dirigente do Partido, mais do que o sentimento patriótico galego. Por isso é que a questom do idioma nom figurava na agenda das suas preocupações, ainda que olhassem o reintegracionismo como alternativa superior.

.- Como era vista a actividade do PG polas organizações galegas na Argentina? Como viam os seus primeiros logros: representaçom parlamentar, Estatuto...?

Pouco a pouco em boa parte mercê do arredismo da Pondal e do seu porta-voz, *A Fouce*, os galeguistas fôrom saindo da casca, chegando a conformar umha massa de grande vastidom. A nossa gente começou a fazer alarde de sentimento autonomista e a solidarizar-se com os nossos deputados no Parlamento.

.- Que supujo a Guerra Espanhola do 1936 neste contexto?

Quase toda a colectividade galega daqui deu provas de lealdade ao Regime Republicano. Pondo-se isto bem de manifesto com actos de adesom, ajudas económicas e de toda a classe que se julgar de proveito. Mas ao cabo o vocábulo nacionalismo foi desvirtuado e a *Sociedade Nacionalista Pondal* mudou de nome para *Sociedade Galega Pondal*.

.- Muitos dos exilados passárom pola Argentina. Como os lembra?

De certo a figura mais importante foi Castelão, que quando chegou aqui refugiado na metade do 1940 qualificou a galeguidade de Buenos Aires de Galiza Ideal. Toda a colectividade se uniu ao seu redor num labor coordenado do que antes se carecia. Formou-se o Conselho da Galiza, como governo galego no exílio, integrado por cinco deputados: Antom Alonso Rios, Ramom Suarez Picalho, Elpídio Vilaverde, Alfredo Somoça e Afonso Rodriguez Castelão, que ocupou a presidência.

.- Nestes últimos anos tem feito várias viagens à Galiza. Como vê a situaçom actual do reintegracionismo?

Tenho fé em que nom está longe o bom êxito, coroando a reivindicaçom da verdadeira língua galega; cada vez som mais os que pugnam polo seu triunfo. Querer manejar-se com um minúsculo dialecto dum idioma alheio, o castrapo, no lugar de usar o idioma próprio, é umha ideia que nom triunfará.

.- E o galego na Argentina?

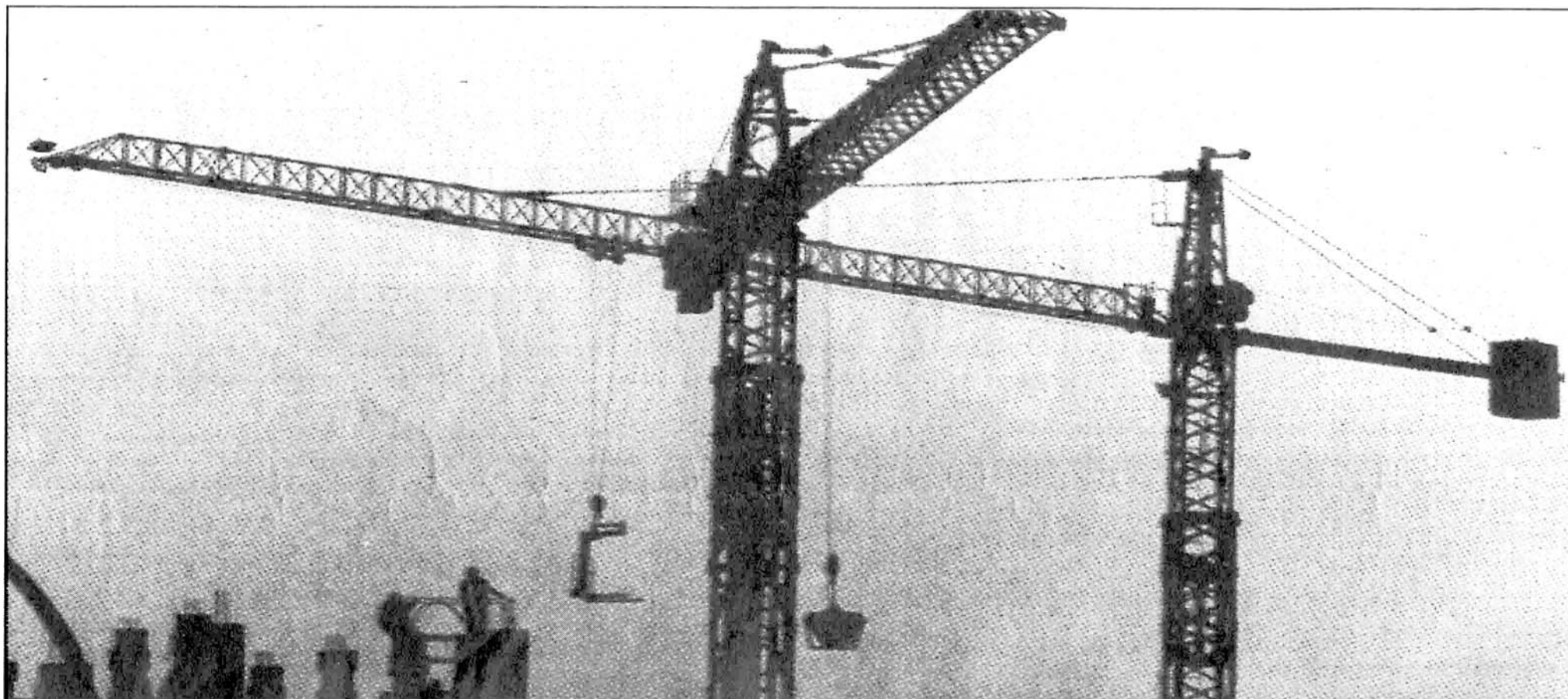
Neste país os filhos de galegos preferem o reintegracionismo. Favorece-os mais pola vantagem de se comunicar com o Brasil. O governo começa a ensinar português por causa do Mercosul.

Emigrado na Argentina desde o 1929

Nasceu um primeiro de Maio de 1903 no concelho de Sada. Os pais, José Flores Branco e Maria Antónia Peres Martines tivêrom mais sete filhos, polo que Ricardo tivo que compatibilizar os estudos com os trabalhos agrícolas.

O seu sentimento galeguista está profundamente enraiçado na infância e adolescência onde começa também o seu interesse pola literatura, que nom deixaria de cultivar em toda a vida. Aproveitando a sua estadia na tropa, frequenta as representações teatrais em Ferrol e, de regresso a Sada, inicia a encenaçom de diversas peças.

A sua profissom, ferreiro, leva-o a sair para a Argentina a trabalhar no 1929 como assalariado e posteriormente fazer parte dumha sociedade industrial na que continuará a trabalhar até 1964.

As viagens a Galiza forom sempre esporádicas, mas o seu nacionalismo nom decaiu nunca. Marchou de jovem simpatizando com a ideologia das Irmandades da Fala e ao chegar a Buenos Aires integrou-se na Agrupaçom Nacionalista Pondal que editou a revista independentista *A Fouce* desde Janeiro de 1926 até Julho de 1936. Também foi presidente da Sociedade Coral "Os Rumorosos" e da Irmandade Galega, secretário de actas do Conselho da Galiza e membro da organizaçom de actividades comemorativas das datas patrióticas. Na actualidade pertence ao Conselho Directivo da associaçom "Amigos do Idioma Galego" da Argentina. Este intenso labor associativo sempre se combinou com o artístico de escritor, director e actor teatral. Foi e é um independentista convencido, ideologia que aparece nos seus escritos com diferentes nomes: "arredismo" e "emancipaçom nacional".

Emprego e desemprego o problema é nosso

A falta de emprego assalariado, que nom de trabalho, está a ser um problema que afecta a um número importante de pessoas no nosso país, sobretodo mulheres e gente nova. Isso impede que nos conformemos com a boa marcha da economia anunciada por indicadores como a inflacçom ou o déficit público, e que tanta tranquilidade produz em certos círculos económicos.

Lupe Cês

Entre a frase de José María Aznar «España va bien», e a consigna «Contra o desemprego Independência», existe a realidade diária de 208.000 pessoas que buscam emprego. A estas cifras há que engadir quando menos, o número de moços e moças que continua estudos porque nom vem claro o seu futuro no mercado laboral e aquelas mulheres que nom som consideradas populaçom activa por estar dedicadas ao trabalho doméstico. A falta de emprego assalariado, que nom de trabalho, está a ser um problema que afecta a um número importante de pessoas no nosso país, sobretodo mulheres e gente nova. Isso impede que nos conformemos com a boa marcha da economia anunciada por indicadores como a inflacçom ou o déficit público, e que tanta tranquilidade produz em certos círculos económicos («España va bien», a bolsa bate o récord anual).

Mas é tamém a realidade desse amplíssimo número de pessoas que no nosso país engrossam as bolsas de desemprego, da pobreza e da exclussom social, o que deixa baleiras as consignas de carácter estratégico que falam dumha Galiza independente, de pleno emprego e umha sociedade com justiça social. Estas consignas quedam baleiras na medida em que a realidade destas pessoas, muitas delas familiares, amigas, companheiras..., nom muda nem um milímetro, e cada dia devem enfrentar as conseqüências económicas, sociais e mesmo psicológicas que devenhem de estar excluídas do trabalho produtivo remunerado. Às vezes desde a esquerda acomodamos as nossas consciências recordando-nos umha e outra vez que nom somos culpáveis desta situaçom. Na nossa propaganda e mobilizações fai-se umha detalhada denúncia da situaçom de exclussom social de importantes capas da nossa sociedade. Outras vezes justificamonos no feito de que «as massas nom seguem as nossas consignas radicais e de enfrentamento co sistema». A realidade é que carecemos de iniciativas que sejam capazes de dinamizar a amplos sectores sociais na defesa dos seus direitos. E o direito ao trabalho, a um salário digno, é um direito humano.

Distribuiçom do trabalho

Manuel Mera, presidente da CIG, num artigo publicado no Faro de Vigo o passado 11 de junho, louvava as iniciativas que, asegura, vai tomar o governo de Jospin para luitar contra do desemprego. Concretam-se na criaçom de 700.000 postos de trabalho, 350.000 públicos, e a reduçom da jornada laboral. Promessas que nos recordam o período do ascenso ao poder da social democrácia espanhola. «Há que distribuir o trabalho» assegura Manuel Mera, pois umha reduçom do desemprego aumenta o consumo e dinamiza a economía criando mais emprego. Estas premisas venhem-se demonstrando como falsas, pois depois de 20 anos de «crise» podemos assegurar que o capitalismo nom só nom luita contra do desemprego, senom que necessita contar com grandes bolsas de exclussom . Estas bolsas permitem conter as reivindicaçons obreiras (se nom estás de acordo coas tuas condições laborais sempre haverá quem queira fazer o teu trabalho..., as pessoas com trabalho som privilegiadas ainda nas piores condições). Mais ainda, muitas empresas nom precisam para nada incrementar a sua mão de obra para incrementar a sua produçom. Por umha banda estám os avances tecnológicos e a mecanizaçom de muitos processos produtivos, e por outra a flexibilidade do mercado laboral, que Felipe Gonzalez vendeu como «um jeito de repartir o trabalho», e que nom foi mais que umha reforma laboral para reduzir os costes de produçom e aumentar a produtividade, é dizer, e como assim foi e está sendo, aumentar os benefícios. O segundo capítulo desta reforma do mercado de trabalho, redondeou esta flexivilidade, legalizando o despedimento livre. Agora, as intelectualidades postas ao serviço do capital, venhem defendendo umha nova teoria, da «Produçom Ágil», que consistiria na reduçom da jornada laboral, cumha reduçom digerível dos salários, para aumentar a produtividade, pois está demonstrado que em menos horas de trabalho as pessoas rendemos mais. Por isso Manuel Mera quedase curto quando apoia as medidas do governo francés e nom contempla outra série de medidas que si suporiam umha inflexom no caminho do paro e a exclusom de sectores da sociedade galega. Porque há que repartir o tempo do trabalho, mas também repartir o trabalho e repartir a riqueza.

«A vida sindical está baseada exclusivamente nas pessoas asalariadas fechando a participaçom e a representaçom às pessoas sem emprego»

Na década dos oitenta chegárom a existir na Galiza expressões organizadas de pessoas em paro. Nesse senso a A.T.P. da comarca de Ferrolterra (Assembleia de Trabalhadores em Paro), chegou a ter um pesso específico na luita contra da realizaçom de horas extra e no controlo das contratações. Mas as políticas de acçom sindical das centrais espanholas e da central nacionalista, iam por outros caminhos. A vida sindical está basada exclusivamente nas pessoas assalariadas fechando a participaçom e a representaçom, por activa ou por pasiva, às pessoas sem emprego. Mas o problema do desemprego e a pobreza nom é um tema exclusivamente sindical. Afecta ao conjunto da sociedade e porém devem participar na sua resoluçom todas as organizações que som a expressom dessa sociedade. Quando menos dessa parte da sociedade que quere acabar co desemprego e a pobreza. Mas para isso necessitamos derrubar esses muros que limitam o que é o campo sindical, o campo anti-militarista, o campo feminista, o campo ecologista... e ser quem de forjar alianças que arrinquem ao Estado e à Patronal essa milhora nas condições de vida desses centos de miles de galegos e galegas que som em definitiva as nossas amizades,... ou mesmo nós. Porque o problema do desemprego e a exclusom é nosso.

A propaganda vomitada polos grandes meios de comunicaçom foi bastante efectiva neste tema. Muita gente considera que acabar co desemprego é um tema difícil, quando nom impossível. A quebra da Seguridade Social, o custo das pensões, adubiado todo cos baixos índices de natalidade, o peso dos custos salariais na funçom pública... fôrom algumhas das argumentações que se utilizárom para, aproveitando a perda de rumo ideológico provocado pola desapariçom do socialismo real, paralisar e mesmo fazermo-nos retroceder nas conquistas sociais, preparando o caminho para a grande reforma neo-liberal, que nom é mais que a adequaçom às novas necessidades de produçom. A luita contra do desemprego nom vai vir dos governos, dos poderes económicos, nem dos estados. A luita contra do desemprego temos que fazê-la aqueles sectores sociais que vivimos do nosso trabalho ou aspiramos a fazê-lo. Assim a luita contra a exclusom social pode chegar a ser um elemento aglutinador e de ligaçom das classes trabalhadoras. Todo isto na medida em que quando existe exclusom social, ninguém pode estar certo que a eventualidade e a flexibilidade no despedimento, nom lhe atinja. Por tanto, a participaçom dos sectores operários mais favorecidos nom se trata só dumha postura solidária. A luita contra do desemprego é ademais, a luita pola melhora das condições de trabalho e da qualidade de vida. É necessário reformular a acçom sindical dando participaçom e representaçom às pessoas excluídas do trabalho assalariado.

Medidas contra o desemprego

Lupe Cês

Três som os pontos que deveriam ligar a luita contra do desemprego e a pobreza. Umha série de medidas a aplicar nas relações laborais dependentes das administrações públicas e que tenham, mediante a negociaçom colectiva o seu reflexo na empresa privada; a instauraçom do Ingresso Social Universal, e como último ponto, umha reforma fiscal que permita subsidiar os pontos anteriores.

Jornada laboral

Jornada de 32 horas semanais, supressom das horas extras, jubilaçom aos 60 anos, proibiçom do pluriemprego e substituçom dos contratos fixos por eventuais. Estas seriam as medidas a aplicar polas administrações públicas que gerariam já por elas mesmas, muitos postos de trabalho. Estas medidas iriam-se progressivamente ampliando à empresa privada.

Ingresso Social Universal

O Ingresso Social Universal nom é mais que a consequência dum direito que lhe é negado à pessoa. A sociedade nom cobre o direito ao trabalho por tanto, enquanto nom se assegura isto, as pessoas cobrem o seu direito a umha vida digna, com umha prestaçom económica, que no nosso caso seria o equivalente ao salário mínimo interprofissional, 66.630 pesetas ao mês, em 14 pagamentos. A câmbio desta prestaçom, participaria-se em actividades de formaçom e reciclagem laboral. É importante sublinhar o carácter individual desta prestaçom, sem ter em conta as características das relações afectivas ou sociais.

Novo sistema fiscal

No terceiro ponto entrariam toda umha série de medidas que perfilariam um novo sistema fiscal que permitiria subvencionar os dous pontos anteriores. A maiores dumha luita decidida contra a fraude. A reforma fiscal aumentaria as taxas sobre os beneficios empresariais e grandes fortunas, que no ano 96 aumentárom 16%. Há acções que cotizam em Bolsa que, de cada 100 pesetas de investimento tirárom um interesse, no presente exercício, de 80. Muitos pensarám na famosa equaçom de que se se gravar nos benefíficios, reduzirá-se o investimento e por tanto nom se gerará emprego. Mas a realidade dinos que na actualidade só 20% do capital investe-se em actividades produtivas e 80% em actividades financieiras especulativas.

A maiores das medidas recaudatórias, devem ser reduzidas as despesas públicas, mas nom na sanidade ou na educaçom, senom as despesas militares, sumptuosos e burocráticos. Só as despesas militares tenhem um orçamento anual de 1,9 bilhões de pesetas no Estado.

Paralelamente a todas estas medidas cumpre analisar a necessidade de assalariar o maior número de actividades que hoje se dam no âmbito doméstico, e aquelas que nom sejam factíveis de salarizaçom devem repartir-se em relações de igualdade e cooperaçom. Se esquecemos estas medidas nom estamos falando dum verdadeiro reparto do trabalho. A inflexom que suporiam as anteriores reformas deixaria intacta a exclusom de género.

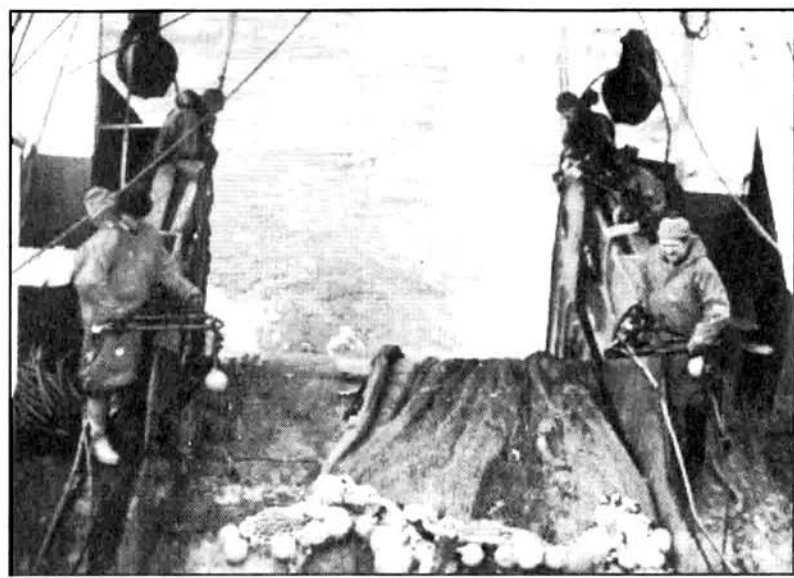
Todas estas medidas favorecem um intervencionismo que dá protagonismo e fai depender mais as nossas vidas do Estado, justo num país que carece del. A luita contra o desemprego e a exclusom somaria outro aspecto, o da necessidade de poder político. Falamos dum estado galego.

Empresas de Trabalho Temporal: Negóciar com a precariedade de muitos

Redacçom

Com os dados de que dispomos, referentes ao ano 1995, podemos dizer que as Empresas de Trabalho Temporal (ETT) gestionárom, nesse ano 320.000 contratos de trabalho dentro do Estado Espanhol. Este volume aumentou muitíssimo, sem dúbida, no 1996 e no que vai do ano 1997; motivado polas recentes reformas laborais. Vemos como cada dia umha nova empresa deste tipo se instala na nossa rua ou bairro. As empresas dedicadas à contrataçom de trabalhadores e trabalhadoras temporais, sobretodo para pequenas e medianas empresas ainda que também para filiais de grandes multinacionais, movem hoje mais de 60.000 milhões anuais.

O mediador é consciente de que quando alguém dá o passo de contratar através de umha ETT, vai estar disposto a desenvolver qualquer tipo de trabalho em qualquer condiçom. Os contratados som utilizados como simples mercadoria que se cede em serviço à empresas demandantes. A consequência é que estes contratados e cedidos nom tenhem qualquer relaçom laboral com a empresa na que vendem a sua força de trabalho, o que produz diferenças de trato com o resto dos companheiros: aplicam-se-lhes piores salários e piores condições de contrataçom, nom tenhem acesso à promoçom nem à formaçom e nunca alcançarám estabilidade laboral.

As ETT nem geram emprego nem aumentam a produtividade, mas o que sim provocam é um escandalosso aumento de precariedade e desqualificaçom dos trabalhadores. Este tipo de contratações, ao nom dispor na prática de um tope de jornada laboral nem de umha distribuiçom da mesma, é incompatível com o desejo de reduçom da jornada laboral e converte as ETT num obstáculo a maiores para o reparto do emprego. A contrataçom temporal, ademais, potência a negociaçom individualizada com o que a relaçom de forças é totalmente favorável ao empresariado.

A·FOUCE
PERIODICO GALEGO

Insistindo sobre as tácticas nacionalistas

Quais som as tácticas que cumprem a um movimento que como o nacionalismo galego aspira a fazer de um país oprimido por Espanha umha naçom livre?

Muitas som as que se aconselham; as conveniências pessoais por umha banda, e o temperamento pola outra, decidem a muitos, adotar as tácticas mais incongruentes com a finalidade que se tenciona obter e mais com o médio em que se actua.

No nosso caso, no caso particular da Galiza, avondam as incongruências, as covardias e também as ingenuidades.

O nacionalismo é um doutrina, é um ideal de constante e categórica afirmaçom; os nacionalistas galegos nom podemos, nom devemos admitir discussões sobre o nosso direito a ser galegos.

A nossa atitude foi e seguirá sendo a de uns homens que afirmam a sua galeguidade por cima de todo razoamento. Somos nacionalistas porque o nosso ser é definitivamente consubstanciado com a nossa pátria.

Nom aceitamos nengumha transacçom, o direito da Galiza a ser livre e soberana é cousa sobre a que nengum nacionalista pode admitir discussom.

Os nacionalistas galegos, afirmamos a nossa vontade independentista, e negamos, nom só o direito da Espanha a exercer soberania na nossa terra, negamos também aos galegos o direito de manter a pátria sujeita e submetida ao tirano jugo da dominaçom estrangeira.

Eis o jeito fácil para se pôr em concordância com as ideias nacionalistas: afirmaçom constante e absoluta do direito da Galiza a ser livre, independente e soberana.

Esta constante e categórica afirmaçom de galeguidade, impõe aos nacionalistas a adopçom de tácticas de umha agressividade em constante progressom nom vivemos nuns tempos propícios para fazer proselitismo a base de mansedume e sábios discursos; vivemos numha época de relaxamento moral, de estupidez que presume de cultura e faz escárnio da sabência e da fé.

Na hora em que vivemos, os ideais, nom se impõem pola sua virtualidade, senom pola atitude violenta e impositiva dos que o sustentam e o pregoam; nós nom podemos substraer-nos às características do momento histórico que vivemos e polo conseguinte, apercebemos que tomar táctica que exclua a imposiçom violenta dos nossos ideais equivale a fazer renúncio dos nossos anseios patrióticos.

Os nacionalistas galegos, temos que fechar os ouvidos a todo conselho de moderaçom e de tolerância, organizando-nos e disciplinando-nos, para exercer com eficácia a acçom que cumpre aos nossos postulados galeguizadores.

Temos que luitar com os maus galegos, com os desleigados, com os traidores e com os indiferentes. O relaxamento moral que senhoreia às gentes contemporáneas, faz que seja a violência um recurso de persuasom inevitável porque o utilitarismo materialista tem atuídos os vieiros da compreensom espiritual.

> ***«A estupidez castelhanizante manifesta-se na nossa Terra com umha insolência que nom se pode seguir aguantando»***

O mundo, a humanidade, vive umha hora crítica, somente umha reacçom violenta da parte selecta pode impedir o solagamento dos povos na indignidade, na incivilidade, na barbárie, na estupidez.

Essa reacçom violenta impõem-na aos nacionalistas galegos as circunstâncias, ou nos deixamos afogar pola indignidade colectiva, ou adoptamos organizar-nos para impor a galeguidade.

A estupidez castelhanizante, o desleigamento, manifestam-se na nossa Terra com umha insolência que nom pode seguir aguantando-se.

Há que impor-se, aplicando a desleigados e espanholizados, o castigo, que somente poderá fazer efectivo o desenvolvimento de atitudes agressivas e combativas entre as mocidades nacionalistas.

A violência organizada, disciplinada, é de urgente necessidade.

**Artigo do periódico «A Fouce» nº80 Junho 1935, (na gráfia foi adaptado a galego actual)*

música

Chouteira, «Ghuaue» o seu trabalho mais recente

Esperávamos que *Chouteira*, pioneiros em usar o galego-português na ediçom das suas letras, seguira abrindo caminho e fosse vanguarda musical no campo da dignidade linguística e ortográfica. Superado o susto e desencanto inicial, já que o CD aparece grafado na normativa da "Xunta", deixamo-nos levar pola música pura, sem conotações. O resultado, feito no seu conjunto de temas tradicionais, é um trabalho requintado, preciosista e de cuidada coerência musical.

Certo é que Ugia Pedreira, a cantante do grupo (ganhadora do Certame da Cançom no1994 e melhor voz estado no mesmo ano), tem grande parte no futuro êxito deste CD. O bom fazer do grupo vê-se multiplicado pola voz esplendorosa, potente e clara desta cantora. Precisamente é o que fai destacar a *Chouteira* sobre os muitos grupos de qualidade que temos já no nosso país. O facto de incorporar umha voz tradicional no seu melhor momento, cheia de recursos vocais, permite-nos desfrutar de um disco como há tempos nom tinha aparecido. Estudosos da música galega sempre dixêrom que as nossas melodias populares iam acompanhadas de letra como algo consubstancial a elas. Ainda hoje, somos um dos povos da Europa com maior número de cantigas orais vivas e isso representa umha riqueza inquestionável. O bom sotaque e a grande qualidade da voz de Ugia, neste caso, fam o resto.

É preciso citar também o interessante labor demonstrado polo selo discográfico "Do Fol", oferecendo ao grupo a possibilidade de gravarem nos estudos Elkar de Donostia, de reconhecida qualidade. A apresentaçom do CD é, ademais, muito cuidada e original. Quanto às próprias peças, destaca a colaboraçom de umha voz asturiana na cantiga "Som de Meira" e a de um membro de Oskorri em "Chalaneiro". O universo sonoro da cantante solista é perfeitamente apreciavel num canto «a capella» no começo do citado tema "Som de Meira". Isto reafirma as qualidades dumha voz que se entrega ao seu trabalho com umha conviçom absoluta, perfeitamente acompanhada e potenciada polos seis restantes membros de *Chouteira, Francisco Estevez, Alfredo Moldes, Olga Fernandes, Oli Giraldes, Júlio R. Cordeiro, Ramom Pinheiro*.

O "Chote do Leirado", "Ponte Vedra", o já conhecido "Ghai, ghai" e dous temas minhotos "Valpaços" e "Laurindinha" som alguns das catorze peças de um repertório criteriosamente escolhido e excelsamente interpretado. Umha obra boa, apaixonada e sem tempos mortos.

«Ghuaue» o último trabalho do grupo Chouteira

janela da língua

Por Konstantino Graphia

Konstantino for president

Por dicir ke non me hinteresa ser presidente dunha **Hakademia de Todoha100**, ke por min halá se maten todos he ke lles dean, muito he ben, non bexo porke ai ke montar tanto revulizio.

Hasemade ¿de ke se hasomvran? si ho húniko ke teño feito hé darlles? ¿Kerian normatiba? Lebaron normatiba, pan e porko. ¿Kerian hir de persoeiros? Dinlles kadeira he pasarela na RAG. ¿Kerian bibir da linjua? Dinlles ho ILG pra lamver hos fondos reserbados da Xunta. ¿Keren ho Ramon Pinillo? Pois tamén llo dou. Ha min, ha presidenzia da Hakademia somentes me hinteresa pra hestavlezer ho dojma da Santísima Trinidade da Linjua junto ko ILG he o Ramon Pinillo, he lojo limpar, fixar he darlle hesplendor hó suvsidio.

Podese hentender ke neste hasunto ho **Kajares** hande por houtra *Galaxia*; pro ke **Jesusitodemivida** baia de Hinforme dramátiko mundial sovre ha presidenzia da RAG pra defender a kandidatura do **Pako sin Riejo** imanda karallo! Si **Grazia von Zabel** di ko seu suzesor debe ser hun filólego he kun serbidor hé ho mais hindikado, save moi vem ho ke di he de ke fala, ke haki todo ho mundo hé ha darlle hó piko he somentes se lemvran de Konstantino kando ai ke da-la kara pra ka Xunta solte ha pasta.

Hasemade ¿non se dekatan ke kom **Pakiño, Manoliño, Santamariña Merkante, Mamom Lourenzo** he hos houtros kalandrakas da korda teño maioria he ke joso do respeito do **Klube dos poetas kortos** he de todo ho **Vatallon literario** kon **Menthes de Serrin** há kaveza? Heste, mesmo poderiase rekuperar pra Hakademia, pro prefiro ke nos poña ha parir de fora ke telo a amola-la porka dentro.

Ho zerto hé que hun non se pode fíar destas lesmias ¿Será posible ke hopten por houtro? Pois dakela ke lles dean... hun presidente, he lojo ke suvan hen jlovo.

Escultura da exposiçom pontevedresa do circuito«Galicia terra única» o dia da inauguraçom.

palestra pública

Pola «Plataforma pola Liberdade de Expressom de Vigo»

Paredes Mudas como na ditadura

Mais umha vez, as organizações sociais que constituímos a Plataforma pola Liberdade de Expressom, vemo-nos na obriga de sairmos à rua para denunciar esta nova cacicada da Câmara Municipal de Vigo.

Como se nom fosse excessivo que os meios de comunicaçom ao serviço do Estado e do Capital, censurem e manipulem a nossa voz, agora a Câmara Municipal de Vigo (à imitaçom da de Marselha, que está governada pola extrema direita), proíbe-nos colar cartazes e fazermos debuxos nas paredes abandonadas, que é o único meio de expressom de que dispomos.

A Corporaçom actual, baseando-se numha ordenança municipal de 18/10/94, aprovada polo governo tripartido (PSOE, BNG, EG), argumenta que as razões polas que se proíbe este tipo de propaganda som: razões estéticas e de limpeza, com a conseguinte coima a todo/a aquele/a que desobedeça esta proibiçom.

Para nós, as razões som claramente outras: impedir que as organizações críticas com o poder estabelecido podam propagar as suas ideias de um jeito gráfico e directo aos olhos da cidadania, pemitindo que a única propaganda que exista nas ruas seja só de carácter comercial e consumista.

Assim pois, se analisamos a ordenança, em primeiro lugar supõe um grave atentado contra a liberdade de expressom, sendo portanto ilegal, já que nós perguntamo-nos: com que direito a Câmara Municipal, por meio de umha «Brigada de Limpeza», pode arrancar e tapar a propaganda situada em paredes que nom som do Concelho, amparando-se em argumentos tais como «manter a estética da cidade»? Dizer que nom é estético pôr propaganda numha parede de tijolos ou num valado de umha obra é umha opiniom subjectiva. O que si resulta antiestético é a propaganda comercial agressiva e sexista situada nas marquesinas e nos valados publicitários que rompem bruscamente com a paisagem.

Em segundo lugar, a chamada «Brigada de Limpeza» parece, polo seu labor, um aparelho repressor ao serviço do PP, mais do que outra cousa. Esta Brigada nom só arranca e tapa propaganda, senom que o fai de um jeito selectivo: manipulando pintadas para dar-lhe um sentido ideológico oposto ao que tinha em princípio, além de nom retirar a propaganda que está tolerada pola Câmara Municipal. Segundo os membros desta Brigada, só retiram aquilo que chamam de «pasquins».

Finalmente, a ordenança afirma que quem quiger pôr propaganda nas ruas sem ter de pagar um espaço, disporá de umhas colunas para tal efeito. E é aqui onde claramente se nota a intencionalidade discriminatória e censora, já que enquanto o número destas colunas se conta com os dedos da mão, e ainda por cima estám situadas em lugares afastados das olhadas da gente, a propaganda consumista conta com lugares, mesmo alumiados, em todas as marquesinas e noutros elementos situados nas ruas mais importantes.

Por todo isto, a Plataforma pola Liberdade de Expressom exige que se retire essa normativa totalitária e discriminatória, que se fagam mais espaços de criatividade públicos (palcos, etc.), convidando-te, por outra banda, a que expresses connosco a tua repulsa colando os teus cartazes e fazendo os teus debuxos numha cidade que tem de ser de todos/as.

Se a Câmara Municipal tem tanto interesse na limpeza e na estética desta cidade, que comece polo Lagares e polas Torres da Varja.

(ACPG, AMI, ANOC, Assembleia de Desempregados/as, Assembleia Galega de Mães, CAR, Coordenadora Feminista Donicela, CAEF, CGT, Colectivo Irmandinho, COSAL, Colectivo Anarquista Ao Pé do Muro, CNT, FPG, JUGA, MOC, PCE(r), PCPG, Proposta de Acçom Zapatista e Rádio Piratona)

lexico-grafando

Hoje falaremos do futebol, que chamam desporto rei, embora o mercantilismo o tenha convertido num negócio, espectáculo, tudo menos desporto. Frequentemente utilizado polo poder a fim de manter a gente acrítica e «drogada», é o verdadeiro «ópio do povo» dos nossos dias, tendo substituído no mundo ocidental as religiões.

Lembremos o léxico galego-português do futebol:

Objectos:
BOLA
BALIZA
TRAVE
CALÇAS
JOELHEIRAS
MEIAS
LUVAS
ASSOBIO
CARTOM AMARELO
CARTOM VERMELHO

Juízes:
ÁRBITRO
FISCAL DE LINHA (no Brasil Bandeirinha)

Lances do jogo:
PONTAPÉ DE BALIZA
PONTAPÉ DE CANTO (no Brasil Escanteio)
LIVRE
FORA DE JOGO
GRANDE PENALIDADE/PENALTY
GOLO (no Brasil GOL)

Zonas:
GRANDE ÁREA
PEQUENA ÁREA
CANTO

Jogadores:
GUARDA-REDES
DEFESAS
MEIOS
AVANÇADOS (AVANÇADO ESQUERDO, AVANÇADO CENTRO, AVANÇADO DIREITO)

A bola bate-se, rodopia-se, deixa-se, defende-se.

Os jogadores avançam, recuam, saltam, arremessam, lançam.

A baliza está formada por dous paus, umha trave, e a rede.

e também...

Terra Livre

Nasce a revista de pensamento da Assembleia da Mocidade Independentista. De 20 páginas poderás ler artigos de: Dissidência e democracia, Timor-Leste, etc. Apartado 481. 32080 Ourense

Confronto

O catálogo 1997 desta distribuidora contém revistas, boletins, vídeos, fanzines e livros (é onde se estende mais a oferta), cuja ideologia predominante é o anarquismo.

A Confronto define os seus fins: "para potenciar a contracultura, desenvolver relações de amizade a comunicação entre pessoas com vontade de luta e criatividade". Entre o mais emblemático que distribui estám o jornal "A Batalha" e a revista "Utopia".

Apartado 4400 V. N. Gaia
Portugal

MST na rede

O Movimento dos sem Terra do Brasil tem vários endereços de consulta na rede. Polo custe dumha chamada local, liga para eles se queres informar-te sobre a sua organizaçom, projectos e jeitos de colaborar.

E.mail semterra@ax.apc.org
E.mail semterra@sanet.com.br
ou Também:
http://www.sanet.com.br/-semterra/index.html.

Associações Antiproibicionistas

Como complemento ao artigo da Gralha anterior sobre a problemática das drogas e a sua possível soluçom mediante medidas como a legalizaçom, oferecemos endereços de varios colectivos que trabalham contra a proibiçom:

- PACO. Pessoas Antiproibicionistas de Compostela.
Ap 968. 15700 Compostela.
- ACAC.Associaçom Corunhesa de Amigos do Canabis.
Ap 4753. Corunha.
-ALA. Associaçom Livre Antiproibicionista.
Ap 19. 27740 Mondonhedo.
-CFC. Colectivo Fumando Charros.
Ap. 1024. 27080 Lugo
-Flores Boas.
Rual Real nº27. Vigo.

Comandante Ché Guevara, mito e souvenir

O próximo 9 de Outubro cumpre-se o 30 cabo de ano da morte deste histórico comunista. Espera-nos o que poderíamos chamar a "Ché-mania": camisolas, filmes sobre diferentes aspectos da sua vida, biografias, roteiros turísticos, discos, etc. A mercadotecnia pode fazer que fique num segundo plano o Ché revolucionário, e que ninguém fale das contínuas situações de fame e injustiça social que na América se continuam a viver; as mesmas polas que Ernesto Guevara pegou nas armas e deu a vida.

Cuba e o Ché, trinta anos de revoluçom.

Beatriz Árias

O dia 5 de Março de 1960, um fotógrafo cubano tirou umha fotografia de Ernesto Guevara enquanto assistia a um discurso de Fidel Castro. Mal podia imaginar Alberto Korda que o negativo 40 do seu rolo ia ser umha das imagens mais reproduzidas e emblemáticas do século XX. Milhões de pessoas em todo o mundo tenhem utilizado algumha vez esta imagem do Ché com umha estrela na boina e cabelo comprido. Cartazes, camisolas, autocolantes, ou simplesmente livros ou revistas.

« na América continuam-se a viver as mesmas situações polas que Ernesto Guevara pegou nas armas e deu a vida»

O certo é que, na maioria dos casos, pouco conhecemos dele: Sabemos da sua loita à beira de Fidel e doutros revolucionários até provocar a queda no 1958 da ditadura de Fulgencio Batista em Cuba. Sabemos que foi ministro da indústria após o triunfo e conhecemos os seus ideais de estender a revoluçom por outros países da América. Precisamente em plena realizaçom dessa ideia, morreu luitando em Bolívia, onde tinha acudido preferindo a vida de acçom ao trabalho no governo cubano. No entanto, a bibliografia editada sobre a figura do Ché é estensíssima, pois tivo polo menos sete biógrafos, sem contar o êxito abrumador dos diários de viagens escritos polo próprio Ernesto Guevara.

O 97 semelha ser o ano do regresso do Ché. Mas a pergunta que podemos fazer-nos é se o que ressurgem som os ideais de igualdade, solidariedade e anti-imperialismo na América do Sul e no mundo ou é simplesmente um renascer do mito, numha época que tanto precisa deles. Polo momento, neste ano acaba de aparecer umha biografia, que parece bastante rigorosa, de Paco Ignacio Taibo e outra, desde Paris, de Daniel Alarcón Domínguez "Benigno", activo participante na história de Cuba e que dá umha visom do Ché como paradigma de pessoa íntegra e coerente em toda a sua vida com os ideais do comunismo revolucionário. Mas onde há mito há dinheiro e em projecto há já cinco filmes, a reediçom dalguns dos seus escritos e infinidade de camisolas, chaveiros, cachecóis futbolísticos e até moedeiros.

O governo cubano, através da sua empresa Rumbos-Cuba, propõe um percurso turístico polos lugares que fizêrom parte da vida do Ché. No seu catálogo publicitário fala dele como "guerrilheiro, dirigente, estadista, pensador e poeta". Ademais de atrair mais visitantes à Ilha, este parece ser um dos projectos comemorativos que mais incide na questom ideológica. Assim, o programa intitulado "Por los caminos del Ché", comprende ademais encontros com pessoas que o conhecêrom e conferências sobre a sua vida e obras. A oferta turística foi apresentada na Argentina no passado mês de Abril e, segundo um encarregado de Rumbos-Cuba, "seria um erro conceber esta iniciativa como um intento por comercializar a figura do Ché porque ele ocupa um lugar muito importante nos nossos corações. O objectivo é que se conheça a verdade sobre a sua vida (...)". Algo mais oportunista parece a iniciativa das autoridades bolivianas que já tenhem um roteiro polo campo nos lugares nos que luitou o guerrilheiro, que finaliza na ilhada aldeia da serra onde foi assassinado.

No caminho da homenagem parece ir um disco com canções para o comandante, onde figuram, desde Víctor Jara até Atahualpa Yupanqui. Também a reediçom do "Diario de Bolívia" e umha revisom da também mítica figura de Tania, polo jornalista John Lee Anderson, querem ser amostra dumha justa recordaçom. Mas, de certo, nom todas as lembranças vam ser desinteressadas e um dos que mais fortemente se vai subir ao carro da Ché-mania vai ser sem dúvida o mercado Norteamericano que, ao mesmo tempo, justifica políticas puramente imperialistas na América do Sul.

é umha opiniom

HISTÓRIAS REAIS DE CAMA

por Antom Branco Romasanta

Histórias verídicas de desenfreio sexual

Nom há ninguém que por ostentar um alto cargo no organigrama dum estado, se veja livre da sua condiçom humana. Como pessoa tem, sem dúvida, apetências e desejos sexuais irreprimíveis como qualquer outro mortal. Às vezes, cegos de poder pensam que todo lhes está permitido pois, em funçom do seu cargo e da sua intocabilidade, sabem-se protegidos e respeitados.

Os rumores que a continuaçom relataremos, começam a ser "Vox Populi", e até a implicada já tem saído por umha cadeia televisiva falando em chave sobre o assunto. Vou-che dar as pautas para que tu, inteligente leitor ou leitora da Gralha, podas presumir diante das amizades e botedes uns risos na honra de tam célebre par. Terás entom umha composiçom de personagens e situações antes de que o escândalo salte aos meios de comunicaçom convencionais; pois ainda que intentam por todos os méios tapar o assunto, seguro que antes ou depois os Serviços Secretos e de segurança deste Estado nom vam poder tapar os trapos sujos desta alta personalidade. Vamos ao grao:

Todo começou quando por questões de formaçom laboral estava eu na Corunha. Encontrava-me numha grande mesa almoçando com vinte pessoas, à minha frente um home de 50 anos de idade, espanhol-falante, e com certo ar "ao Mário Conde" começou a falar. Pola conversa fum deduzindo que tinha algo a ver com os médios de comunicaçom e era um desses "ratos de redacçom", que despois de 40 anos de experiência sabem todos os «díxo-me díxo-me» da vida da sua cidade, Madrid.

Declarou-se-nos republicano e contou-nos que umha alta personalidade do Estado tinha como amante a umha conhecida mulher, habitual noutros tempos das revistas do coraçom. A alta personalidade começou a sospeitar que a cousa dos seus lios extramatrimoniais estava já saindo do que el entendia como normal quando numha recepçom pública soa o seu telefone móvil super-secreto. Atende-o e a sua grande sorpresa é falar com a mae da artista que em tom coloquial, lhe pedia recomendaçom para umha familiar sua que se apresentava a umhas oposições. Decidiu entom romper a sua relaçom com a amante. Mas ao pouco inteira-se de que existe um vídeo onde aparece ele com a sua amante practicando toda sorte de posturas sexuais; dianteiras, traseiras, genitais, bucais, ... Além do morboso documento gráfico-visual, este acompanha as voluptuosas imagens com diálogos sugerentes e perguntas, respostas e declarações mais que indiscretas e pornográficas, que fam ficar em nada a famosa conversa do «Tampax» do Carlos da Inglaterra.

Seguia o nosso comensal e comunicante, enquanto apurava o ribeiro no almoço, era acoso polas perguntas de um outro comensal, que ele respondia. Que se a artista comprara a câmara oculta na «Casa do espia» en Madrid, que os filhos dela saudavam ao nosso home na intimadade do fogar anter de se deitar com a sua mai. A todo isto, o madrileno ponhia nomes e apelidos que eu nom citarei para evitar maus encontros com polícias e serviços secretos. Ao pouco tempo os serviços de seguridade do nosso home chegam a um acordo económico com a amante e compram o vídeo em questom. Como o mal nom acouga, e o morbo e a codicia som consubstanciais com os espanhóis, de repente sabe-se que existem cópias desse filme porno, e entom a cousa lia-se.

Nom sei se estará relacionado com este caso, mas há umha semana saía por Tele 5 no programa «Qué me dices» Bárbara Rey fazendo umhas declarações nas que dizia que a sua vida e a dos seus filhos estava em perigo, já que fora ameaçada, e alguém entrara na sua casa revolvendo-o todo para só levar umha fita de vídeo. A Bárbara Rey dirigia-se à entrevistadora e dizia-lhe violentamente que nom iam emitir as suas declarações, e que ela já tinha preparado nom sei que cousas diante de notarios e advogados por se a ela ou aos seus filhos lhes passava algo.

O filme dim que tem um preço no mercado negro, e suponhemos que antes ou despois sairá à luz pública se nom é no estado espanhol será nalgumha parte do mundo, senom é agora será dentro de anos. E vos, leitores da Gralha, diredes com sorriso: eu já o sabia.

dixo-me...dixo-me

***Que,** expertos cientistas trasladados para localizar «exactamente» o epicentro dos movimentos sísmicos, depois de muitas averiguações e cálculos numéricos, o epicentro está situado exactamente no Berço, nos lugares denomidados Tremor de Arriba e Tremor de Abaixo.*

*«**A** mim nom me chafa ninguém um acto, e os que pretendam fazê-lo deveram ater-se às comsequências», palavras de Fraga dedicadas às pessoas que o abuchearom na inauguraçom do Cámpus Universitário de Ourense. Por se fosse pouco Baltar presidente da Deputaçom solicita «Correia e bozo para os que se comportam como cães», num alarde de lucidez mental qualificou às gentes da «Plataforma pro Cámpus Digno» de «trogloditas e fascistas».*

***Que** o Grupo Xenreira da Estrada tem a partir de agora como manager à empresa compostelana Nordesia, que vem desenvolvendo as mesmas funções com grupos como Berrogüeto ou Chouteira. Umha boa noticia que suporá umha maior qualidade e profisionalizaçom do grupo estradense.*

***Que** o Parlamento compra a biblioteca de Carvalho Calero por 20 milhões, maestros de cerimónias Pilar Garcia Negro (BNG) e Victorino Nunes (PP), quando descubrem a placa conmemorativa aparece o nome do professor como Carballo Calero (escrito em espanhol). Com discípulos e amigos assim sobram inimigos.*